

P O E M A S

ADELAIDE M. VILLA

BERCEUSE NORDESTINA

- “Não chores, filhinho,
que a chuva já vem . . .”
cantava, baixinho,
a mãe do neném:
 - “Ela vem, já vem . . .”
 - “Não chores, meu bem,
que o campo crestado
já vai ser regado . . .”
cantava ao neném:
 - “Ela vem, já vem . . .”
 - “Ela vem, lentamente,
lá do céu vem caindo
e, no chão sêco e duro
devagar vai sumindo . . .
Pelo chão vai correndo,
vai correndo e sumindo . . .
pelo chão que crescendo,
vai crescendo e se abrindo . . .”
- E a chuva caiu,
caiu e correndo
foi logo engrossando
e os rios formando.
E os poços enchendo
com a água correndo!
E o gado e as plantas
bebendo, vivendo!

A mãe radiante,
a face voltando
ao céu pardacento,
a chuva ao seu pranto
assim misturando,
baixinho o lamento
do canto pungente,
feliz, foi mudando:

— “Não chores, neném,
que a chuva chegou;
não chores, meu bem,
que a fome acabou!”

SE PUDESSES VOLTAR

Oh! a miraculosa
a suprema estesia
que há em tôda poesia
(derramada, embora,
no papel indiferente,
da tinta fria a escorrer)!
Oh! êsse poder
de formas dar
a esta doida,
subitânea alegria,
tilintante,
semelhante a ressonâncias de cristal
de sons de cascos de diamantes
de imaginário corcel,
indomável,
que se aproxima em feroso tropel,
ecoando em meu peito;
esta alegria insopitável,
cada vez mais ruidosa,
avassalante,
ardorosa,
mais quente e dourada que o sol,
mais lírica e poética que o luar,
em que há perfume da terra,

pureza do ar
e música do mar;
esta alegria que inunda minh'alma,
transborda,
me deslumbra e me aterra,
me eleva e me lança ao espaço,
onde vibro e sou astro,
lá no céu dos meus sonhos,
bem longe da terra...
Esta alegria
que de mim irradia
só de pensar,
oh! mamãe,
se pudesses voltar!...

A ALMA DAS LINHAS

As linhas paralelas
— alegres tagarelas —
são as mais belas
de tôdas as linhas.
São, também, as mais corretas:
não desviam,
não transigem,
não distorcem...
E podem levar ao infinito,
às estrêlas!

As espirais
— doidas ventoinhas —
vivem nas molas alucinantes,
quase sempre inconstantes,
ejetando coisas e animais
em trajetórias imensurais.

São as curvas envolventes,
acolhedoras,
ondulantes como os colos maternos;

se causam algum embaraço,
compensam, suavizando,
da vida,
as arestas brutais.

Verticais dos fios a prumo,
altaneiras
como os pinheiros e as palmeiras,
no mais singelo resumo,
expressam a grande verdade
da força da gravidade
e o sentido da retidão.

Horizontais
— calmarias —
superfícies planas,
repousantes,
seriam a forma ideal,
não lembrassem,
rastejantes,
também as quedas fatais.

S Ú P L I C A

Senhor:
Sacode, dos meus ombros,
o pêso esmagador da desilusão
que me torna os membros lassos
e vacilantes e tardos os passos.

Afasta, dos meus olhos,
a névoa espessa da descrença
que me impede de, ao caminhar,
a segurança da meta vislumbrar!

Acalma, de minha voz,
o incontrolável tremor da amargura
que me impede de proferir
as orações que de mim esperam ouvir.

Substitui, em minha alma,
a tibieza deprimente da indiferença
que, dia e noite, minha crença consome,
pelo vigor da fé que justifica de humano ser, o
nome!

TRISTEZA VEM DE MANSINHO...

Tristeza vem de mansinho,
devagarinho,
suave como veludo,
negaceando,
um dia sim, outro não.
A gente se esforça, contudo,
por não deixá-la ficar;
mas ela tem um jeitinho,
sutis ardis todos seus,
de ir, quietinha,
se instalando,
entre um sorriso e um adeus.
E vai ficando,
persistindo,
à nossa luta
resistindo.
A gente, depois, se admira
quando percebe que o riso
já se situa no “outro”
e tristeza é o nosso “agora”.

CANTILENA DE OUTONO

Prendi, entre os dedos,
uma fôlha roubada
ao gélido vento passante.

Quem é que se importa?
Nem êle, nem eu,
nem a fôlha que é morta.

Desfiz em pedaços
a fôlha ao vento roubada
na palma da mão.

Quem é que se importa?
Nem êle, nem eu,
nem a fôlha que é morta.

Soltei a poeira dourada,
que foi uma fôlha roubada,
no vento passante.

Quem é que se importa?
Nem êle, nem eu,
nem a fôlha que é morta.